

Capítulo um: SEM PLANOS

Quando o Sol se escorria no telhado da vizinha e se prostava pelo chão, logo se fingia de morto e virava bom menino. Eu o perseguia, quietinho, antes que a noite o enterrasse no gramado. Ali, nada saciava minha curiosidade ou impedia meus devaneios infantis. Ali, a liberdade era uma pipa que eu controlava de um barbante, e a jogava para a esquerda e direita, guiada pelo vento.

Me escondi no quarto. “Aí está você” papai disse segurando uma lanterna. “Você gosta mesmo dessa cabana de pano, né?” “Sim!”. CLIC! Me tornei um filme polaroid. A imagem desceu, minha idade subiu. Eu tinha cinco anos, e aos onze guardei essa foto em uma caixa de mudança.

Mamãe era incrível, mas não superava as conversas com a vovó. Papai não carpinejava tão bem quanto vovô. Deixar tudo tão depressa derrubava minhas paredes, o alicerce, o teto, mas essa mudança não era só de lugar, era de vida. A cidade nova tinha um cheiro engraçado e a outra casa era tão diferente, complicada e planejada. “Coloca um sorriso nesse rosto, Helena. Vai ser legal, interessante e maravilhoso...”, mamãe dizia, “Vamos ter nosso momento só de meninas!”. *Seria* legal, mas ela não entendia. Foi naquele lugar onde nasci, cresci e aprendi... e agora era hora de crescer.